

**CEPAL – FONTES PARA PENSAR A AMÉRICA LATINA, DO PÓS-GUERRA AO
TEMPO PRESENTE: AS 3 FASES DA TEORIA CEPALINA NAS PÁGINAS DA
REVISTA CEPAL**

Tereza Maria Spyer Dulci

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

tereza.spyer@unila.edu.br

Introdução:

Este texto busca estudar a *Revista de la Cepal*, publicação da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), criada em 1948, pela Organização das Nações Unidas (ONU). A CEPAL foi capaz de construir, ao longo dos seus 70 anos de história, preceitos importantes que pautaram o pensamento econômico latino-americano e caribenho. Sendo uma das cinco comissões regionais da ONU, sua sede localiza-se em Santiago do Chile. Foi fundada para contribuir com o desenvolvimento econômico da América Latina, coordenar as ações encaminhadas à sua promoção e reforçar as relações econômicas dos países entre si e com as outras nações do mundo. Posteriormente, a partir de 1984, seu trabalho foi ampliado para os países do Caribe e se incorporou o objetivo de promover o desenvolvimento social.

A CEPAL é uma referência obrigatória para os pesquisadores que se dedicam à história da nossa região, em especial, a história econômica, pois a Comissão desenvolveu-se como uma escola de pensamento especializada no exame das tendências econômicas e sociais de médio e longo prazo dos países latino-americanos e caribenhos. Vale destacar a relevância de seu método analítico próprio: “histórico-estrutural”. A história da CEPAL também esteve marcada por sua participação nos debates sobre inflação, as análises sobre as crises das dívidas e as modalidades de ajuste macroeconômico, assim como os debates sobre o

desenvolvimento, etc.

A *Revista de la CEPAL* é uma das mais importantes publicações da casa, que conta também com as séries: *Estudios e Informes de la CEPAL* e *Cuadernos de la CEPAL*. A *Revista de la CEPAL* tem sido publicada ininterruptamente desde 1976 (semestral/quadrimestral) e se converteu em um veículo muito importante de difusão do discurso oficial do organismo. Seu objetivo principal é contribuir para o exame dos problemas do desenvolvimento socioeconômico da região. Assim, grande parte dos artigos versam sobre as propostas para o desenvolvimento dos países da América Latina e do Caribe que foram sendo forjadas pela Comissão ao longo dos anos.

Procuramos, desse modo, estudar os números da publicação e seus respectivos artigos, passando por diferentes fases – desde a desenvolvimentista (décadas de 50/60/70), a dependentista (décadas de 70/80), até a do regionalismo aberto (década de 90 em diante) – buscando investigar como se apresentaram essas diferentes etapas da teoria cepalina nas páginas da revista. Assim, ainda que tenhamos como fonte principal a *Revista de la CEPAL*, nesta pesquisa, que está em sua etapa inicial, também nos apoiamos nos textos oficiais da CEPAL e na literatura produzida pela e sobre essa instituição.

É importante destacar que este texto foi produzido a partir das pesquisas empreendidas no Projeto de Pesquisa “Os projetos de integração nas revistas de relações internacionais do continente Americano (sécs. XX e XXI)”, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), que visa entender o movimento de aproximação e de distanciamento entre as nações da América Latina e do Caribe, bem como com os Estados Unidos e o Canadá, via estudo da história das relações internacionais entre os países do continente no século XX e início do século XXI, com ênfase nos projetos de integração, a partir das revistas que tratam de temas desse campo de estudos.

Desse modo, buscamos através da análise dos discursos sobre desenvolvimento e integração presentes nas principais publicações do continente, entender como foram formuladas as iniciativas integracionistas vivenciadas pelos países da região, assim como os reflexos da implementação destes projetos nas páginas das revistas.

As revistas como objeto de estudo para o campo da História das Relações Internacionais

As revistas têm sido, nas últimas décadas, um importante objeto de estudo para a história. Entretanto, não podemos dizer o mesmo com relação ao campo da história das relações internacionais. São poucos os trabalhos dedicados à história das relações internacionais que têm as revistas sequer como fonte. Ainda que este meio possa ser um “observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais (...) [e] um lugar precioso para observação e análise do movimento das ideias” (SIRINELLI, 1996, p. 245), estas ocupam um lugar marginal no âmbito das relações internacionais, em especial na América Latina.

Uma das explicações possíveis para os poucos estudos sobre as revistas neste campo é que muitas vezes estas publicações são vistas como datadas. As revistas e demais congêneres são percebidas por parte dos pesquisadores como muito conjunturais e por isso perdem seu apelo como objeto em si. O mesmo não acontece com “artigos-chave” de autores renomados de algumas das revistas *mainstream*, que são entendidos como atemporais, pois fundaram discussões importantes no campo.

Porém, é exatamente o fato de o tempo das revistas ser o presente, uma vez que não são planejadas para alcançar o reconhecimento futuro e sim para impactar o momento contemporâneo, ou seja, seu objetivo primeiro é intervir no tempo atual para modificá-lo a partir da sua prática de produção e circulação, o que torna este objeto ainda mais interessante e relevante.

Concordamos com Beatriz Sarlo quando esta afirma que as revistas se constituem em verdadeiros “bancos de prova” de hipóteses e ideias que servem como antenas de observação do presente. Ademais, para a mesma autora “se as revistas perdem sua aura quando se convertem em passado, conservam as provas de como se pensava o futuro desde o presente”¹ (SARLO, 1992, p. 16). Assim, estas publicações são um “espaço de laboratório de ideias”

¹ As traduções do espanhol e do inglês para o português são de nossa autoria.

que se interroga permanentemente sobre como conectar-se com o tempo presente (SARLO, 1992, p. 15).

Já para Annick Louis, “longe de refletir apenas um período, as revistas constituem agentes ativos de sua geração e sua caracterização, sem os quais se torna impossível apreender o meio cultural e a identidade de uma época” (LOUIS, 2014, p.1). A autora destaca que não existe somente o contexto da revista, mas que na realidade são quatro contextos: de publicação, de edição, de produção e de leitura. Ademais, afirma que “O conjunto de revistas dá um perfil particular a organização cultural de uma época e constitui uma instância de poder e de consagração (...)” (LOUIS, 2014, p.13).

Outra questão importante para refletirmos sobre a marginalidade dos estudos sobre revistas no escopo das pesquisas sobre história das relações internacionais, em especial na América Latina, se deve ao fato da maior parte das teorias das relações internacionais serem majoritariamente anglo-saxãs e voltadas para objetos de estudo que os países do norte consideram relevantes, o que gera um certo desinteresse com relação às fontes produzidas no sul global, bem como sobre os atores mais relevantes e as ideias que eram concebidas e circulavam em nossa região. Isso nos informa que no campo das relações internacionais ainda prevalece um grande eurocentrismo na produção do saber, como ocorre nas demais áreas das ciências humanas (WALLERSTEIN, 2002, DUSSEL, 2005, LANDER, 2005).

Percebemos, assim, que não há grande interesse na área por estudos das revistas produzidas por países emergentes ou em desenvolvimento, ainda mais aquelas que não são publicadas em inglês ou não tem parte de seus artigos produzidos em inglês ou traduzidos para este idioma. Isso ocorre porque, como afirmamos acima, a literatura desse campo é muito norte-centrada, uma vez que quase todos os autores *maisntream* são da Europa ou dos Estados Unidos – sendo o inglês a “língua franca” das relações internacionais. Para Williams Gonçalves e Leandro Monteiro: “a produção teórica norte-americana reina absoluta no mundo acadêmico. Isto significa que, na maior parte do mundo, as relações internacionais são analisadas mediante o uso de teorias produzidas nas instituições norte-americanas” (GONÇALVES; MONTEIRO, 2015, p. 57).

Ainda segundo Williams e Monteiro, os estudiosos do campo, mesmo que estejam fora dos países anglo-saxões, ao analisarem as relações internacionais usando os estudos teóricos formulados pelos acadêmicos estadunidenses e, em menor medida, europeus “não podem escapar de perceber a realidade das relações internacionais segundo o entendimento desses teóricos a respeito do que é relevante nessa realidade e que deve, por conseguinte, ser concebido como objeto científico” (GONÇALVES; MONTEIRO, 2015, p. 59).

Assim, o fato das teorias das relações internacionais viverem sob hegemonia anglo-saxã exerce não apenas uma forte influência na teorização, mas também no ensino e na prática profissional, o que leva alguns autores à defenderem uma “decolonização” das relações internacionais, propondo a criação de outras agendas de pesquisa que deem relevância para diferentes atores, possibilitando um debate sobre temáticas, objetos e fontes que têm sido marginalizados pelo campo (ESPANHOL, 2017).

Revista de la Cepal: alguns apontamentos

Conforme afirmamos anteriormente, a *Revista de la CEPAL* tem sido publicada ininterruptamente desde 1976 (em caráter semestral de 1976 até 1978 e posteriormente quadrimestral, o que segue até a atualidade), e se converteu em um veículo muito importante de difusão dos diferentes discursos do organismo. Seu objetivo principal ao longo de mais de 4 décadas de existência foi contribuir para o exame dos problemas do desenvolvimento socioeconômico da nossa região.

Para este trabalho foram selecionados 126 artigos de um total de 1234 entre os anos de 1976 até 2018. Vale destacar que parte dos artigos selecionados provinham de capítulos de livros e coletâneas de artigos de publicações que congregavam importantes autores cepalinos.

Escolhemos examinar os artigos que versavam diretamente sobre o tema do desenvolvimento da América Latina e do Caribe, levando em consideração as três etapas vividas pela CEPAL: 1) desenvolvimentista (décadas de 50/60/70); 2) dependentista (décadas de 70/80) e 3) regionalismo aberto (década de 90 em diante).

É relevante indicar que a região do Caribe passou a ser identificada como uma região independente, nos artigos estudados, a partir de 1984, concomitante ao período em que a Comissão muda de nome e amplia seus trabalhos para os países do Caribe. Entretanto, vemos que o Caribe teve pouco destaque nas décadas subsequentes, o que nos informa que, ao menos na revista, essa região seguiu tendo um espaço relativamente marginal.

Assim, os 126 artigos selecionados tratam das propostas para o desenvolvimento dos países da América Latina e do Caribe que foram sendo forjadas pela Comissão ao longo dos anos, sendo que a maior parte dos textos versam sobre os seguintes temas/conceitos: centro-periferia, capitalismo periférico, estruturalismo, dependência, pensamento cepalino, industrialização, crise econômica, dívida externa, internacionalização, interdependência econômica, regionalização e integração.

Isso pode ser observado, por exemplo, na análise dos títulos e das palavras-chave dos artigos estudados. Ademais, vale destacar que os conceitos de centro-periferia e capitalismo periférico perpassam as 4 décadas da revista. Já os conceitos de dependência externa e econômica estão mais concentrados nos artigos das décadas de 70 e 80 e os conceitos de regionalização e integração estão mais concentrados nos artigos publicados na década de 90 e início dos anos 2000.

Desse modo, o estudo dos artigos selecionados nos permite perceber as 3 diferentes fases por que passou a CEPAL – desenvolvimentista, dependentista e regionalismo aberto – sendo que os textos mais relevantes são aqueles da transição do desenvolvimentismo para o dependentismo, quando percebemos que há um maior debate entre os grupos conformados por diferentes teóricos cepalinos.

É na década de 1980 onde encontramos o maior número de artigos que tratam sobre o desenvolvimento da América Latina e a superação da dependência (em torno de 60). Na década anterior podemos encontrar uma média de 6 artigos por ano, sendo que este número cai para 3-4 a partir da década de 1990, o que demonstra que no período do regionalismo aberto houve menos interesse em se publicar artigos sobre a temática do desenvolvimento latino-americano e caribenho e maior interesse em se publicar artigos mais específicos de estudos de caso.

É importante ressaltar que a partir do ano de 1988 se nota um número crescente de edições temáticas que se dedicaram a assuntos tais como: desenvolvimento social, educação, pobreza, etc. Antes da referida data, os artigos traziam um amálgama de temáticas mais diversas. Além disso, pudemos observar que os artigos dos anos 70 e 80 apresentam um caráter mais voltado para os ensaios, com análises de cunho mais panorâmico, enquanto que os artigos dos anos 90 em diante apresentam um formato mais acadêmico, contendo, por exemplo, por um maior número de referências bibliográficas.

Outra questão relevante que merece ser indicada, embora não seja objeto específico deste estudo que tem como base a *Revista de la Cepal* e os artigos sobre o desenvolvimento dos países da nossa região, é o fato de que o tema das ditaduras civis-militares não foi abordado diretamente nos artigos estudados. Ainda que a revista tenha surgido três anos após o golpe e a instauração da ditadura chilena, ou seja, nasceu em pleno estado de exceção, esperávamos encontrar um número maior de artigos sobre os governos autoritários e os entraves ao desenvolvimento.

Isso é muito paradoxal, pois acreditamos que houve um certo silenciamento sobre este assunto mesmo após os períodos de redemocratização vividos pelos países do Cone Sul. A única exceção a ser destacada são artigos escritos por Raúl Prebisch, tal como o texto “Hacia una teoría de la transformación”, que versa sobre o “autoritarismo conjuntural” na América Latina (PREBISCH, 1980).

Dentre os artigos selecionados para análise, identificamos 7 autores que foram funcionários e/ou teóricos cepalinos – majoritariamente vinculados ao Instituto Latino-Americano de Planificação Econômica e Social, a Divisão de Desenvolvimento Econômico e ao Centro de Projeções da Cepal – que conformam a coluna teórica da Comissão e versaram sobre o tema do desenvolvimento latino-americano e caribenho: Raúl Prebisch (foram publicados 16 textos de sua autoria na revista, sendo 2 após seu falecimento); Aníbal Pinto (publicou ao todo 8 artigos); Gert Rosenthal (publicou ao todo 13 artigos); Enrique Iglesias (publicou ao todo 14 artigos); Enzo Faletto (publicou ao todo 7 artigos); Fernando Henrique Cardoso (publicou ao todo 5 artigos) e Jorge Graciarena (publicou ao todo 6 artigos).

Estes autores e seus respectivos textos nos ajudam a reforçar a premissa de que há uma relação entre as fases identificadas do pensamento cepalino (desenvolvimentista, dependentista e regionalismo aberto) e autores-chave desse processo. Ademais, torna-se importante indicar aqui que estes autores, antes e depois de publicarem na *Revista de la Cepal*, tiveram cargos públicos de grande relevância, como é o caso de Fernando Henrique Cardoso e Enrique Iglesias.

Além de terem sido publicados 16 artigos na *Revista de la Cepal* sob autoria de Prebisch (1976, 1978, 1979, 1980 ab, 1981 ab, 1982 ab, 1983, 1984, 1985 ab, 1986 ab, 1988), foram publicados 14 artigos na revista sobre ele e a contribuição de seu pensamento, por autores tais como Joseph Hodara, Eugenio Kossarev, Octavio Rodríguez, Marshall Wolfe, Armando Di Filippo, Aldo Ferrer, Carlos Cattaneo, Alice Amsden e Rubens Ricupero. É igualmente impressionante a quantidade de vezes que autores diversos se referiram ao longo dos anos na revista sobre as principais ideias de Prebisch, o que comprova a imensa importância do mesmo para o pensamento cepalino.

É interessante destacar também que Celso Furtado, embora tenha tido enorme relevância no cenário regional e seja reconhecido internacionalmente como um dos mais importantes economistas latino-americanos, sendo considerado junto com Prebisch um dos principais formuladores do estruturalismo econômico, publicou poucos artigos na *Revista de la Cepal* (FURTADO, 1978, 1990, 2000). Já sobre as contribuições de Furtado ao pensamento cepalino, ressalta-se o artigo de Luiz Carlos Bresser-Pereira, “Método y pasión en Celso Furtado” (BRESSER-PEREIRA, 2004) e o artigo de Ricardo Bielschowsky, “Vigencia de los aportes de Celso Furtado al estructuralismo” (BIELSCHOWSKY, 2006).

Gostaríamos de indicar aqui, igualmente, que apenas 5 mulheres de um total de 140, são autoras dos artigos selecionados para análise: Marta Bekerman; Alicia Bércena; Isabel Neira, Maricruz Lacalle Calderón e Marta Portela. Isso demonstra não só que este campo/meio tem um recorte de gênero, mas também que entre as mulheres que colaboraram com a publicação é pequeno o número que se dedicou a estudos de caráter mais teórico-conceituais, ou seja, tendo como referência a *Revista de la Cepal*, percebemos que são poucas as mulheres que contribuíram para a conformação do pensamento cepalino, ou do que

reconhecemos como as ideias-chave do pensamento produzido pela Comissão. Ademais, nos surpreendeu a ausência de mulheres, na sua maioria economistas e sociólogas, que contribuíram com importantes aportes para pensar o desenvolvimento latino-americano e caribenho, como por exemplo, Maria da Conceição Tavares.

Por último, em nossos estudos nos focamos nos seguintes textos que consideramos que são os artigos-chave do pensamento cepalino sobre o tema do desenvolvimento latino-americano e caribenho, ou seja, os documentos teóricos mais importantes presentes na publicação nestes mais de 40 anos da *Revista de la Cepal*: “Crítica al capitalismo periférico” (PREBISCH, 1976); “Poder y estilos de desarrollo. Una perspectiva heterodoxa” (GRACIARENA, 1976); La originalidad de la copia: la CEPAL y la idea de desarrollo” (CARDOSO, 1977); “La periferia latinoamericana en el sistema global del capitalismo” (PREBISCH, 1981); “Sociedades dependientes y crisis en América Latina: los desafíos de la transformación político-social” (RAMA, FALETTO, 1985); “Notas sobre el intercambio desde el punto de vista periférico” (PREBISCH, 1986); “Formación histórica de la estratificación social en América Latina” (FALETTO, 1993); “Una síntesis de la propuesta de la CEPAL” (LAHERA, OTTONEO, ROSALES, 1995) e “Sesenta años de la CEPAL: estructuralismo y neoestructuralismo” (BIELSCHOWSKY, 2009).

Finalmente, é importante destacar que estes intelectuais são também as referências-chave para os demais autores que publicaram na *Revista de la Cepal* no período indicado, sendo reiterados sistematicamente nos 140 artigos selecionados. Ademais, pelos artigos indicados acima, vemos que há no nosso recorte, uma predominância dos teóricos desenvolvimentistas e dependentistas. Outrossim, pudemos perceber também nos artigos indicados as diferentes bases dos teóricos estruturalistas e neoestruturalistas que contribuíram para a construção do pensamento cepalino.

Algumas Considerações Finais

Este texto, parte introdutória de uma pesquisa mais ampla acerca da *Revista de la Cepal*, buscou, num primeiro momento, tratar das revistas como objeto de estudo da história

das relações internacionais, em especial da América Latina e Caribe. Já num segundo momento, procuramos apresentar um panorama inicial sobre a *Revista de la Cepal* e os autores e artigos-chave que tratam do tema do desenvolvimento dos países latino-americanos e caribenhos. Assim, entendemos que o estudo da *Revista de la CEPAL*, seus principais autores e artigos nos permite compreender melhor como foram produzidas e como se deu a difusão dos diferentes discursos do organismo.

Referências

BIELSCHOWSKY, R. “Sesenta años de la CEPAL: estructuralismo y neoestructuralismo”. *Revista de la Cepal*, Nº 97, 2009, p.173-195.

_____. “Vigencia de los aportes de Celso Furtado al estructuralismo”. *Revista de la Cepal*, Nº 88, 2006, p.7-16.

BRESSER-PEREIRA, L. “Método y pasión en Celso Furtado”. *Revista de la Cepal*, Nº 84, 2004, p.19-34.

CARDOSO, F. H. C. “La originalidad de la copia: la CEPAL y la idea de desarrollo”. *Revista de la Cepal*, Nº4, 1977, p.7-40.

DUSSEL, E. “Europa, modernidade e eurocentrismo”. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericana.*, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Colección Sur Sur, CLACSO, 2005.

ESPANHOL, C. “O pensamento decolonial como perspectiva contra-hegemônica nos debates teóricos das Relações Internacionais”. Anais do Sexto Encontro da ABRI – “Perspectivas sobre o poder em um mundo em redefinição”. Disponível em: http://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498419261_ARQUIVO_ARTIGO_ABRI2017-CarlaEspanhol.pdf. Acessado em: 14/02/2019.

FALETTO, E. “Formación histórica de la estratificación social en América Latina”. *Revista de la Cepal*, Nº 50, 1993, p.163-180.

FURTADO, C. “Brasil: opciones futuras”. *Revista de la Cepal*, N.70, 2000, P.7-12.

- _____. “La naturaleza del centro cíclico principal”. *Revista de la Cepal*, N.42, 1990, P.11-16.
- _____. “Acumulación y creatividad”. *Revista de la Cepal*, N°6, 1978, p.19-26.
- GONÇALVES W.; MONTEIRO, L. “O Monopólio das Teorias Anglo-Saxãs no Estudo das Relações Internacionais”. *Revista Século XXI*, 6(1). Porto Alegre, 2015.
- GRACIARENA, J. “Poder y estilos de desarrollo. Una perspectiva heterodoxa”. *Revista de la Cepal*, N° 1, 1976, p.173-194.
- LAHERA, E; OTTONEO, E.; ROSALES, O. “Una síntesis de la propuesta de la CEPAL”. *Revista de la Cepal*, N°25, 1995, p.7-26.
- LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- LOUIS, A. "Las revistas como objeto de estudio". In: *Almacenes de un tiempo en fuga. Revistas culturales en la modernidad hispánica*, Hanno Ehrliche (coord.). Saker Verlag, Aachen 2014, p. 31-57.
- PREBISCH, R. “Dependencia, interdependencia y desarrollo”. *Revista de la Cepal*, N° 34, 1988, p.205-2012.
- _____. “Exposición del Dr. Raúl Prebisch en el vigesimoprimer período de sesiones de la CEPAL”. *Revista de la Cepal*, N° 29, 1986b, p.13-16.
- _____. “Notas sobre el intercambio desde el punto de vista periférico”. *Revista de la Cepal*, N° 28, 1986a, p.195-206.
- _____. “La deuda externa de los países latinoamericanos”. *Revista de la Cepal*, N° 27, 1985b, p.55-56.
- _____. “La periferia latinoamericana en la crisis global del capitalismo”. *Revista de la Cepal*, N° 26, 1985a, p.65-90.
- _____. “La crisis global del capitalismo y su trasfondo teórico”. *Revista de la Cepal*, N° 22, 1984, p.163-182.
- _____. “La crisis mundial y América Latina. Conclusiones de la Reunión de Personalidades convocada por la CEPAL y celebrada en Bogotá los días 19 a 21 de Mayo de 1983: La crisis del capitalismo y el comercio internacional”. *Revista de la Cepal*, N° 20, 1983, p.49-52.

- _____. “Un recodo histórico en la periferia latinoamericana”. *Revista de la Cepal*, Nº18, 1982b, p.7-24.
- _____. “Monetarismo, aperturismo y crisis ideológica”. *Revista de la Cepal*, Nº17, 1982a, p.143-160.
- _____. “Diálogo acerca de Friedman y Hayek. Desde el punto de vista de la periferia”. *Revista de la Cepal*, Nº15, 1981b, p.161-182.
- _____. “La periferia latinoamericana en el sistema global del capitalismo”. *Revista de la Cepal*, Nº13, 1981a, p.163-172.
- _____. “Biosfera y desarrollo”. *Revista de la Cepal*, Nº12, 1980b, p.73-88.
- _____. “Hacia una teoría de la transformación”. *Revista de la Cepal*, Nº10, Abril, 1980a, p.165-216.
- _____. “Las teorías neoclásicas del liberalismo económico”. *Revista de la Cepal*, Nº7, 1979b, p.171-192.
- _____. “Estructura socioeconómica y crisis del sistema”. *Revista de la Cepal*, Nº6, 1979a, p.167-264.
- _____. “Crítica al capitalismo periférico”. *Revista de la Cepal*, Nº1, 1976, p.7-74.
- RAMA, G; FALETTO, E. “Sociedades dependientes y crisis en América Latina: los desafíos de la transformación político-social”. *Revista de la Cepal*, Nº25, 1985, p.127-146.
- SARLO, B. “Intelectuales y revistas: razones de una práctica.” In: *Le discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 a 1970, América, Cahiers du CRICCAL*. Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1992.
- SIRINELLI, J. F. “Os Intelectuais”. In: RÉMOND, R. (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.
- WALLERSTEIN, I. “Eurocentrismo e seus avatares: os dilemas da ciência social”. In: WALLERSTEIN, I. *O fim do mundo como o concebemos*. Rio de Janeiro: Revan, 2002, p. 205-221.